

# Endividamento da Eletropaulo coloca em xeque capacidade de investimento

## ENERGIA ELÉTRICA

Rodrigo Petry e Agências  
São Paulo  
rodrigopetry@dcicom.br

● Apesar da melhora nos indicadores operacionais, o alto endividamento da AES Eletropaulo segue preocupando especialistas, pela dificuldade que a falta de recursos poderia gerar para ampliação dos investimentos da distribuidora.

"A situação de alavancagem continua a ser uma preocupação", escreveram em relatório os analistas do Credit Suisse, Vinicius Canheu e Arlindo de Carvalho Pinto. Eles notaram que mesmo com o avanço do potencial de geração de caixa, o valor não é suficiente para cobrir os investimentos e os encargos da dívida. Essa diferença, destacaram os especialistas, foi coberta pelo aumento do endividamento.

Segundo o relatório de administração que acompanha o balanço do segundo trimestre, a dívida líquida da empresa estava em R\$ 3,652 bilhões ao final do segundo trimestre, montante 1,5% inferior ao observado no mesmo mês do ano passado.

No entanto, os analistas do Credit Suisse ressaltam que dentro deste valor, seria necessário acrescentar um montante de pouco mais de R\$ 500 milhões de dívidas com consumidores, o que elevaria a alavancagem da empresa para 3,3 vezes a geração de caixa, ante 2,9 vezes do que foi informado no balanço pela empresa.

"A Aneel vem cobrando



Equipe trabalha na manutenção da rede: maior parte dos recursos destina-se a evitar interrupções

qualidade, mas as empresas estão no limite do espaço para investimento. Várias distribuidoras, por pressão regulatória, têm elevado seu endividamento", afirma o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales. Ele resalta que menos de 20% em média, do que é arrecadado pelas companhias, por meio das contas aos consumidores, segue efetivamente para o pagamento dos custos e da remuneração das empresas.

No primeiro semestre, a Eletropaulo investiu, com recursos próprio, R\$ 406,5 milhões (+48,2%), dos quais R\$ 209,6 milhões (+61,1%) foram destinados a "serviços ao consumidor e expansão do sistema", que basicamente visa atender

ao crescimento do mercado e a redução do risco de interrupção no fornecimento de energia elétrica em situações regulares e de emergência.

Para melhorar os custos de renegociação das dívidas, a distribuidora paulista espera aprovar, em 12 de setembro, a migração para segmento do Novo Mercado, na bolsa de valores. "Isso potencialmente prepara o caminho para a desalavancagem da companhia", disse ontem, durante teleconferência o presidente da AES Eletropaulo, Charles Lenzi.

### Contratação

Lenzi afirmou ainda que a companhia continuará trabalhando em alternativas para

manter o nível de contratação da distribuidora perto do limite regulatório de até 105% da demanda, "de forma que não haja risco financeiro para a companhia ou de repasse para os consumidores".

Ao longo do segundo trimestre deste ano, a Eletropaulo buscou negociações bilaterais com seus fornecedores, participando de leilões do Mecanismo de Compensação de Sobras e Déficit (MCSD), o que resultou na diminuição da sobrecontratação para 104,2%, abaixo, portanto, do nível regulatório de 105%. A mesma estratégia foi utilizada para as sobras de energia previstas para 2018, que atingiram 105,1%, perto do limite regulatório.

## AES Tietê quer avançar em renovável

A AES Tietê segue atenta às oportunidades de aquisições, sobretudo de usinas de energias renováveis. "Um dos nossos pilares está na aquisição de ativos de energias solar e eólica", disse, durante teleconferência com analistas o diretor-presidente da companhia, Italo Freitas. Segundo ele, o setor passa por uma intensa transformação e a empresa busca se adaptar aos novos desafios. "Queremos usar a expertise da AES no exterior na modelagem desses projetos [de energias renováveis]", comentou o executivo.

A expectativa da empresa, dentro da estratégia de crescimento, é atingir, até o ano de 2020, cerca de 50% do potencial de geração de caixa por meio de fontes não hidráulicas, com contratos regulados de compra e venda de longo prazo.

Dentro desta estratégia, a empresa adquiriu, este mês, o controle da Nova Energia Holding, detentora, por meio da Renova Eólica Participações, do Complexo Eólico Alto Sertão II, localizado no Estado da Bahia - com capacidade instalada de 386,1 MW, em contratos que expiram em 2033 e 2035. Outra aquisição foi a do Complexo Solar Boa Hora, com capacidade projetada de 91MWp, que funcionará a partir de novembro de 2018.

São Paulo - Apesar da melhora nos indicadores operacionais, o alto endividamento da AES Eletropaulo segue preocupando especialistas, pela dificuldade que a falta de recursos poderia gerar para ampliação dos investimentos da distribuidora.

"A situação de alavancagem continua a ser uma preocupação", escreveram em relatório os analistas do Credit Suisse, Vinicius Canheu e Arlindo de Carvalho Pinto. Eles notaram que mesmo com o avanço do potencial de geração de caixa, o valor não é suficiente para cobrir os investimentos e os encargos da dívida. Essa diferença, destacaram os especialistas, foi coberta pelo aumento do endividamento.

Segundo o relatório de administração que acompanha o balanço do segundo trimestre, a dívida líquida da empresa estava em R\$ 3,652 bilhões ao final do segundo trimestre, montante 1,5% inferior ao observado no mesmo mês do ano passado.

No entanto, os analistas do Credit Suisse ressaltam que dentro deste valor, seria necessário acrescentar um montante de pouco mais de R\$ 500 milhões de dívidas com consumidores, o que elevaria a alavancagem da empresa para 3,3 vezes a geração de caixa, ante 2,9 vezes do que foi informado no balanço pela empresa.

"A Aneel vem cobrando qualidade, mas as empresas estão no limite do espaço para investimento. Várias distribuidoras, por pressão regulatória, têm elevado seu endividamento", afirma o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales. Ele resalta que menos de 20% em média, do que é arrecadado pelas companhias, por meio das contas aos consumidores, segue efetivamente para o pagamento dos custos e da remuneração das empresas.

No primeiro semestre, a Eletropaulo investiu, com recursos próprio, R\$ 406,5 milhões (+48,2%), dos quais R\$ 209,6 milhões (+61,1%) foram destinados a "serviços ao consumidor e expansão do sistema", que basicamente visa atender ao crescimento do mercado e a redução do risco de interrupção no fornecimento de energia elétrica em situações regulares e de emergência.

Para melhorar os custos de renegociação das dívidas, a distribuidora paulista espera aprovar, em 12 de setembro, a migração para segmento do Novo Mercado, na bolsa de valores. "Isso potencialmente prepara o caminho para a desalavancagem da companhia", disse ontem, durante teleconferência o presidente da AES Eletropaulo, Charles Lenzi.

## Contratação

Lenzi afirmou ainda que a companhia continuará trabalhando em alternativas para manter o nível de contratação da distribuidora perto do limite regulatório de até 105% da demanda, "de forma que não haja risco financeiro para a companhia ou de repasse para os consumidores".

Ao longo do segundo trimestre deste ano, a Eletropaulo buscou negociações bilaterais com seus fornecedores, participando de leilões do Mecanismo de Compensação de Sobras e Déficit (MCSD), o que resultou na diminuição da sobrecontratação para 104,2%, abaixo, portanto, do nível regulatório de 105%. A mesma estratégia foi utilizada para as sobras de energia previstas para 2018, que atingiram 105,1%, perto do limite regulatório.